

16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL  
“NO MUNDO HÁ MUITAS ARMADILHAS E É PRECISO QUEBRÁ-LAS”  
10 A 13 DE JULHO DE 2007  
UNICAMP – CAMPINAS – SP

“DESARMANDO AS ARMADILHAS DA EXCLUSÃO EM LEITURA:  
O JAGUAR LAMBENDO AS PATAS”

*Nilma Lacerda*<sup>1</sup>

Não é o caso de ler e, o que é pior, de obrigar a ler quanto livro se tenha escrito. Mais vale que o professor alcance fascinar o espírito de seus educandos ensinando-os a ler – porque é preciso ensinar a ler – umas quantas dessas obras-primas que nos dizem tudo quanto um ser humano necessita saber da vida e da morte, da covardia e da coragem, da desventura e da felicidade, da esperança e do desespero.

Ernesto Sábato. *Entre la Letra y la Sangre*.

Poder sonhar é vital nesta sociedade brasileira de tantas ignomínias e exclusões; estar no COLE é ter acesso ao sonho e à ação que aqui se plasmam. Falo então de minha alegria por partilhar deste espaço, da minha expectativa de contribuição para os sonhos e a ação de todos nós.

Cresci com acesso a direitos que muitos tomam por privilégios. Cursei uma boa escola pública – minha família tinha clareza quanto ao ato de me enviar à escola, minha mãe me forma leitora, a primeira leitora plena em muitas e muitas gerações de mulheres que não chegaram à escola, ou chegaram de forma limitada.

Terá sido mero acaso o fato de ter estudado na escola Anita Garibaldi, e de ter ouvido – quando ainda não podia entender – a história dessa gaúcha que se une a um lutador e segue lutadora, ao lado dele, em um trabalho que, feito também por mulheres, não costumava levar o nome delas? Essa ousadia terá, em algum momento, me impregnado e impelido a quebrar armadilhas?

---

<sup>1</sup> Nilma Lacerda é doutora em Literatura Brasileira, com pós-doutorado em História Cultural. Recebeu, dentre outros, o Prêmio Rio de Literatura, o Jabuti, o Orígenes Lessa e o Cecília Meireles, ambos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Prêmio Especial do Júri Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores. Pesquisadora de leitura e escrita, é professora da Universidade Federal Fluminense.

Nenhuma excepcionalidade marcou minha alfabetização, levada a cabo aos sete anos, salvo o fato de ser uma boa aluna e de ter contado com o empenho de meus pais para garantir a prova domiciliar, em meio ao sarampo que me abateu por ocasião dos exames finais, na primeira série. Era uma novidade excitante, a professora em meu espaço doméstico, as provas vindas a mim. Terei aprendido, quando ainda não sabia estar aprendendo, a força e o valor do deslocamento, que passei a realizar, às vezes perplexa, às vezes lúcida, desde o início de meu trabalho no magistério? Alcançado o desejo de meus pais, a filha feita professora, não parei de estudar.

Em minha família, sou a primeira mulher a chegar a todos os níveis possíveis de ensino. Uma questão histórica, simplesmente, e que me cobra responsabilidades. Continuei a estudar em escolas públicas, à exceção de um único ano, até o pós-doutorado; comecei a trabalhar em escolas públicas, desde a saída da escola normal até o presente. Consumi, e ainda consumo, muitos livros em minhas leituras, uma quantidade considerável de cadernos e de papel em minhas escritas. Posso dizer: eu quero, eu vou fazer isso como eu quero. Se der errado, posso arcar com a responsabilidade. Arcar com a responsabilidade é um forte privilégio para o sujeito, em qualquer cultura.

Vivi e vivo assim, em meio aos privilégios que o domínio da cultura escrita proporciona. E o que fiz com eles, o que produzi em resposta a esse usufruto? Estava na escola pública quando o povo ainda estava fora dela: o que posso apresentar como matéria de gratidão, além de dar aula em espaços públicos com o melhor de meu investimento profissional?

Fiz da escola pública o tema de meu primeiro romance, *Manual de Tapeçaria*, que tem me trazido gratas alegrias e possibilitado gerar respostas para meus dilemas de educadora. Não posso admitir que a letra entre com sangue, como diz um provérbio

português. Fico perplexa em face de uma pedagogia que impunha o conhecimento à custa do sofrimento físico, os calos de sangue causados pela palmatória arrebentando na pele de quem não podia escolher, como escolhi, que a letra se fizesse gozo. Fico perplexa, e reconheço o parentesco entre sangue e letra, as feridas mediando a relação. Mas existem outras mediações entre letra e sangue – trabalho, esperança, arte.

Quem me fala delas é o instigante e admirado escritor argentino Ernesto Sábato. *Entre la Letra y la Sangre (Entre a Letra e o Sangue)*, conversas com Carlos Catania, falam da vida – sangue – e o que se faz da vida, no caso de Ernesto, a letra. Ou sobre a letra como fonte de vida e o sangue dos embates renovados, na defesa dessa letra. Entre letra e sangue, assim tenho também balizado meu percurso. Resolvo levar a Sábato o romance que escrevi, conversar sobre angústias e expectativas comuns a nós dois.

Telefone para ele que me ouve com simpatia, faz uma pergunta sobre determinado músico brasileiro, e me envergonho face à minha ignorância. (É bom que advirta você, minha ouvinte, meu leitor: a partir deste telefonema que existiu, mas dentro de uma outra situação, começamos a entrar em um encontro de leituras. Vamos conversar, Sábato e eu, esse Sábato que li em *O Túnel*, que tenho lido nos ensaios, *La Resistencia*, *O Escritor e seus Fantasmas*.)

Optei por chegar à Argentina passando pelo Uruguai, visitando Montevideú e Colônia del Sacramento, de onde tomei o barco que atravessou o rio da Prata e me deixou em Buenos Aires, na manhã de um sábado esplêndido. Sábato me recebeu em sua casa, ofereceu água e café e me convidou para irmos ao jardim, um jardim que era massa compacta de folhagem, uma noite vegetal, floresta naquele subúrbio de Buenos Aires. E não se pode deixar de nomear *jardim*, quando a porta da sala se abre, passamos à varanda, tomamos uma pequena alameda. Ligeiramente à minha frente, Sábato prossegue na

intimidade do espaço, sem temor, acostumado ao mergulho no terreno úmido, que descortina, uns metros adiante, um clima de cerrado brasileiro.

Ele está me falando de um jaguar que tem ali, e penso em uma escultura, uma estátua de mau gosto, talvez, quando ouço o rosnado, sinto o bafo na nuca. Meus sentidos me desarmam, viro a cabeça para trás, a fera e eu, cara e corpo. O dorso persa de relance, os músculos sob o azeite da pele, sou medo, sou gozo; penso na jaula em que se prendem os amantes, nas carícias, seu tanto de selva e necessária crueza – explode em mim o outro da fera. O desejo de um cérebro que comandasse a vida, libertar-se do texto do instinto, não depender das garras e dentes para ter o alimento – o humano acontece no espaço da fera. Caminham um por dentro do outro, meu olhar e o olhar do jaguar. São assim as feras do sonho, somos assim no sonho das feras – Sábado fala quase em um sussurro. Essa troca em que você pensa e pensa que o jaguar pensa não vem do desconhecimento, mas da igualdade reconhecida, contínua. Ele dá passagem ao jaguar, retoma a caminhada. Me explica que acolheu o animal ainda pequenino, um gatinho e seu novelo de lã, a pedido de um amigo antropólogo que descreveu minuciosamente para ele os perigos a rondar os jaguares, disfarçadas em cuidados as armadilhas que se sofisticavam. É preciso criar espaços de salvaguarda, dizia o antropólogo, e o jardim de Sábado, selva e cerrado onde não se suspeita, pode bem servir de abrigo a um exemplar da espécie, garantir a sobrevivência no habitat reciclado. Sábado percebe meu espanto, tira do bolso a brochura gasta:

#### MANUAL DO PROGRAMA DE SAÚDE DO JAGUAR

Pelos doutores Sharon L. Deem, William Karesh, da Wildlife Conservation Society, tradução [para o espanhol]: Dr. Almira Hoogesteijn. Abre o livro com vagar, me aponta o índice como prova daquilo para o que me alertara: I. Introdução. II. Captura e imobilização. III. Manejo de jaguares imobilizados e controle de possíveis problemas durante emergências anestésicas. IV. Coleção de mostras biológicas. V. Coleção. Análise e apresentação dos dados. VI. Bibliografia. VII. Quadros. VIII. Apêndices.

(<http://www.wcs.org/media/file/mime-9908135031.PDF>)

Me irrita com a leitura detalhada, o jaguar, vá lá, mas o manual – não foi para isso que vim de tão longe. Preciso me controlar quando começa a ler a

#### I. INTRODUÇÃO

Um dos componentes mais importantes no programa de conservação do jaguar (*Panthera onca*) é a organização dos estudos de saúde desses animais. A saúde da fauna pode-se ver afetada em função de causas antropogênicas (tais como aumento na interação entre a fauna e o gado, animais domésticos e seres humanos), fragmentação do habitat e contaminação. São desconhecidas, ainda, as ameaças específicas à saúde do jaguar. Acredita-se, no entanto, que as situações anteriormente alistadas possam ter uma influência deletéria na conservação da espécie, tanto no que diz respeito à extensão da distribuição geográfica, quanto em termos de sobrevivência a longo prazo. (Idem, ibidem)

Ele percebeu minha inquietação? O fato é que fecha a brochura, deixa-a sobre o banco em que acabamos de sentar, e resume essa estratégia que o amigo descreveu para ele há muitos anos: capturar o animal com a desculpa de tratá-lo, para melhor conhecer a espécie, extirpar nela a argúcia, a vigilância e a consciência aguda do predador, e criar uma outra espécie, dócil, sem dentes e garras, para ornamentar as salas burguesas no simulacro das selvas de papel de parede, a luxúria dos rugidos eunucos. Não só os jaguares sofrem dessas armadilhas; há outras espécies constantemente ameaçadas, como as dos roedores, dos leitores e dos eleitores. Como andam as armadilhas dessa espécie no Brasil? – pergunta Sábato. Já temos poucas onças pintadas, digo, e é preciso conservar a espécie, senão por sua beleza, ao menos para os turistas, caso contrário nos condenam por logro no pacote de viagens; os eleitores são muitos, crescem a cada dia, e pelo exercício da memória têm construído muito lentamente a arte de escolher, mas nem sempre se furtam às armadilhas ocultas na selva dos votos; já os leitores que alcançaram o estágio da leitura crítica estão hábeis no manejo das desarmadilhas. Comento com Sábato a chamada de primeira página de importante jornal carioca: “Juízes lançam campanha pelo fim do foro privilegiado”. A notícia vem de Brasília e informa que

A Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) lançou ontem uma campanha para combater a impunidade no país. O carro-chefe do movimento, batizado de “Juízes contra a corrupção”, é a defesa

do fim do foro privilegiado para autoridades. [...] Para o presidente da associação, Rodrigo Collaço, o foro especial é um dos fatores que mais contribuem para a impunidade. O Judiciário precisa reagir. Os juízes têm que estar atentos ao que clama a sociedade. A sociedade quer saber quem são os culpados e ver essas pessoas presas – afirmou Collaço. (*O Globo*, 6/07/2007, pp. 10-1)

Informo ainda a meu colega escritor a criação de uma biblioteca virtual sobre a corrupção pela Controladoria-Geral da União, com o objetivo de “[...] estimular o controle social e o exercício da cidadania por meio da difusão do conhecimento.[...]” (BRASIL, 2007), e o programa da Secretaria de Educação à Distância do Ministério da Educação, Salto para o Futuro, cujo objetivo é a formação continuada de professores, apresentou em maio último um quadro especial, “Olho vivo no dinheiro público”, com informações sobre ações “[...] voltadas para o controle social e para o combate à corrupção” ([www.tvebrasil.com.br/salto/](http://www.tvebrasil.com.br/salto/), 2007).

Vai-se revelando, no país, crescente apropriação dos bens de leitura (LACERDA, [2000], p. 10) e camadas sociais que historicamente se debatem para fugir às armadilhas da exclusão em leitura têm-se mostrado soberanas na relação com o objeto-livro, fruto de políticas públicas de leitura, de trabalhos docentes conscientes e apaixonados, de irrupções intempestivas.

Sábado me escuta com atenção. Cabe uma reflexão, digo, sobre as costumeiras armadilhas que espreitaram e espreitam ainda a leitura, no Brasil. Lembro de meu *Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina*, conto para ele que em Cáceres, Mato Grosso, quase Bolívia, vivi uma experiência que me possibilitou elaborar o conceito de autorização para o exercício das práticas de leitura. Estávamos num curso sobre leitura literária, o trabalho docente como formador de leitores, e uma professora diz que “[...] precisa aprender a gostar de ler porque é dela a responsabilidade de fazer com que seus alunos leiam: ‘não podemos perder mais uma geração’ ” (LACERDA, 2002, p. 7). E, no

entanto, tinha acabado de consignar a leitura de *O Memorial do Convento*, de José Saramago, no papel em que registrávamos em conjunto nossas bibliotecas pessoais. Chamei a atenção dela para o fato, ressaltando que era uma leitora, e bastante competente. “Mas esse livro eu li para a faculdade” – respondeu. E qual é o problema, perguntei. É um livro de leitura difícil, que você realizou. Você é uma leitora, confirmei. Com espanto e ingenuidade, concordou comigo: “Ih, é, eu sou uma leitora”.

O que acontecia com aquela moça? Ela não estava autorizada a se reconhecer leitora, a se saber trãnsfuga em campo alheio (FOUCAULT, p. 142, CERTEAU, pp. 269-70) para colher o que quisesse, deter-se nas moitas de seu interesse, decidir-se nas encruzilhadas, dispersar-se nos letreiros que o campo parece não ter. Mas podia andar pelas trilhas já percorridas, com as cercas limitadoras de sua arte de fazer que se mostrava então arte de cumprir. Podia ler o livro como tarefa da faculdade, não como caminho pessoal para significar o mundo.

Revela-se, em sua fala, a existência de protocolos para autorização de leitura, no Brasil. Para as classes mais abastadas, o acesso a quaisquer leituras, sobretudo as que se convencionam chamar de alta literatura, é livre e estimulado desde cedo. Às classes trabalhadoras e aos que a custo se incluem nas práticas da cultura escrita reserva-se a leitura funcional, instrumental, capaz de produzir riqueza para bolsos alheios e contribuir para o progresso do país.

Sentado sobre as patas traseiras, o jaguar olha para nós, sentados no banco. Dá um rosnado manso, uma pontuação na conversa, e se vira para o outro lado, acompanhando um voo de pássaro. Continuo falando sobre essa condição do leitor autorizado, de como é fruto de uma cultura escravocrata, patriarcal, que se habituou ao controle da metrópole sobre as leituras, e continuou temendo nelas o potencial desestabilizador. São muitas as nuances da

desautorização, e dentre as que se praticam na própria cultura escolar estão a simplificação dos livros didáticos, as respostas no livro do professor, a circulação das fichas de leitura encartadas nos livros literários destinados à adoção pela escola. Apresentadas como contribuição para aliviar a professora muito ocupada, as fichas de leitura tornam-se instrumento de avaliação marcado por pontuações objetivas voltadas ao controle dos sentidos. Em pesquisa sobre fichas de leitura nos livros literários sobre gravidez na adolescência, Andréa Costa da Silva identificou sobreposições de sentidos gerados pelo autor da ficha aos sentidos passíveis de serem encontrados na obra, visando assim ao direcionamento na compreensão do texto, na garantia de manutenção de um *status quo* (SILVA, 2006).

Embora se reconheça hoje a ação de estudos teóricos e trabalhos pedagógicos que vêm transformando, em muitos casos, esse material em rotas de leitura mais produtivas, a razão de sua existência merece ser problematizada. As fichas não acompanham os livros concebidos editorialmente para venda em livrarias e não estão presentes na produção regular de algumas casas editoriais. Estaria presente na concepção desse material a existência de um leitor menor, inepto à construção de sentidos?

Sábato nos aconselha a ler os diários de escritores (SÁBATO, 2003, p.186), suas correspondências e memórias, como forma de construir nosso próprio crivo, relativizando os males de uma crítica equivocada. Outra experiência aí nos espera: uma bem-sucedida história de leitura do mundo e da palavra escrita, como ocorre com *Infância*, a autobiografia de Graciliano Ramos, que sempre trago em minhas reflexões. Tal qual a professora de Cáceres, o menino Graciliano não estava autorizado a cruzar os campos alheios na busca de sentidos para o estranho mundo em que estava imerso, mundo em que as palavras o interrogavam, os adultos eram bizarros, cruéis, incompreensíveis nas suas

atitudes, e a atividade da escola carecia de clareza. O pai inábil, a escola incapaz, uma sociedade incompetente em transmitir os seus códigos teimavam em desautorizar o menino a ler o mundo.

Capturado na armadilha, resolveu tornar a carne dura, inapetecível. “Aos nove anos, eu era quase analfabeto.” (RAMOS, 1986, p. 199), diz no capítulo “Os Astrônomos”, em que o autor cria uma das mais felizes e eficientes metáforas para o ato de ler: tornar próximo, reconhecível, o que se instala distante, no aparente além do sentido:

.... falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu. Não no céu onde moram Deus Nosso Senhor e a Virgem Maria. Esse ninguém tinha visto. Mas o outro, o que fica por baixo, o do Sol, da Lua e das estrelas, os astrônomos conheciam perfeitamente (idem, p. 203).

Empenhando-se em decifrar os sinais escuros na página branca, Graciliano deu a seu entorno o sentido que buscava, e pôde construir, mais tarde, uma das mais vigorosas obras do século XX.

O leitor significa o mundo, como sujeito. Um sujeito que ousa pensar que o mundo aconteceu para si, e é posto assim no centro de um processo dialético em que o mundo, sendo muito velho, está novo, esperando os sentidos que vão ser atribuídos a ele por este recém-nascido.

Ensinar a ler (SÁBATO, 2003, p.138) é uma tarefa fundamental e vai bem além do domínio do código. Emília, a prima de Graciliano, que deu a ele a chave de acesso ao código, orientou as primeiras leituras, exercendo inclusive a censura sobre a publicação de um autor protestante, e falou ao menino da biblioteca do tabelião Jerônimo Barreto, em que Graciliano aprendeu a ler por paixão e por necessidade espiritual (SÁBATO, 2003, p.125). Ensinar a ler desarma outras armadilhas: a que produz os *fast readers*, leitores rápidos da

leitura rarefeita (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991), e a que se esmera por fazer com que “a letra entre com sangue”.

Tal provérbio se terá observado originalmente na complacência familiar para com as violências praticadas pelos mestres-escolas, na perspectiva da superioridade da cultura escrita sobre todas as outras. Ouvi muitos provérbios na minha infância, muitas histórias de medo para educar, mas esse, afortunadamente, não circulou por minha casa, talvez por não ter sido necessário como advertência a nenhum dos cinco filhos daquele casal que não duvidava do acesso à cultura letrada como forma de ascensão social e de intervenção no mundo.

Da mesma forma que meus pais, pensou Amantine Hassam, avó de José, na Martinica dos anos 1930, personagens ambos da narrativa autobiográfica *La Rue Cases Nègres (Rua Casas Negras)*, de Joseph Zobel. “Mamãe Tine” decide enviar o neto à escola para que ele não seja um outro bóia-fria nas plantações de cana. A resposta de José aos esforços da avó e da mãe para mantê-lo na escola por todo o tempo necessário à boa formação ultrapassa as expectativas delas: ele se torna escritor, e a matéria de vida alimenta o corpo de sua arte.

E, como Graciliano, José caiu nas armadilhas da leitura rarefeita e da autorização para ler e escrever por conta própria. No ensino médio, preparando-se para os exames de término do curso, deparou-se com as obras literárias clássicas, em pequenas brochuras concebidas para conduzir “ao desgosto pelo estudo, e mesmo por qualquer leitura” (ZOBEL, 2002, p. 268).

Um dia, o professor diz:

– Vamos estudar Corneille. Estão com o livro aí?

Uns dizem que sim; outros que não.

– O Cid, ato I, cena II.

Então ele lê, ou manda um aluno ler, e ordena a um outro que faça a segunda pessoa nos diálogos. Se é que se pode dizer que liam. Porque, professor ou aluno, era o mesmo recitar monótono,

mistura confusa de vozes, massa de resmungos, e logo estávamos todos mergulhados em um torpor sinistro.

No fim da aula, o professor Jean-Henri dita para nós um dever sobre “o herói corneliano”. Na aula seguinte, *Horácio* ou *O Avaro*. E tudo corria da mesma forma. [...] Chegando em casa, tento reler *O Cid*. Ao cabo de um momento, encontro no livro muito mais interesse do que tinha me parecido em aula. Estou a ponto de gritar: “Como é bonito!”, mas não tenho tempo de me conceder este prazer: passamos em seguida a *Horácio*. (Idem, *ibidem*)

Sábato constata: quantos professores agem assim. E por que o fazem? – me interpela.

Porque há um sistema cujas engrenagens se movem nesse sentido, vai respondendo ele mesmo. É pedir muito que as leituras sejam livres, que a professora enuncie com alegria a obra de um autor, buscando lê-la dentro de um contexto sócio-histórico? Buscando dizer o que significa aquele título para a humanidade? A falta que faria se fosse suprimido, se não fosse lido por nenhum ser na face da terra? E – por quê? – toda a turma precisa ler, sempre, um mesmo livro? Por que não se acolhe na sala de aula a pródiga balbúrdia de muitas escolhas, livros diferentes de um mesmo autor, livros diferentes de diferentes autores, a biblioteca de prateleiras abertas? – o pensamento inflamado de meu companheiro solicita um rosnado do jaguar, que parecia dormir, ao calor do sol.

Lembro a engenhosidade dos controles de leitura, de que esses mecanismos fazem parte. Os bibliotecários que aferrolham as portas da biblioteca não costumam ser substituídos do cargo, não encontram sobressaltos na tarefa de regular escolhas. Muito professor acredita estar aí o modelo, investe ainda na palavra única em sala. Nesse terreno de aparência árida, no entanto, podemos encontrar fertilidade para o trabalho oposto, em que a responsabilidade pessoal pode ser escrita, e a conjunção letra, alegria e trabalho fundamente a perspectiva pedagógica coerente com o século XXI – termino, e o jaguar recoloca a cabeça entre as patas estiradas.

Coerente com o século XXI, o Estado precisa assumir sua responsabilidade para a biblioteca como espaço de escolha e de autonomia da pessoa, para o exercício da cidadania,

e uma ação essencial nesse processo é a consideração da biblioteca escolar como elemento integrante da educação básica. Somam-se ao Estado, a Academia e a sociedade civil como agentes empunhados no reconhecimento do direito humano ao usufruto dos bens de leitura (LACERDA, [2000], p. 11), estendido a todas as pessoas. É preciso, no entanto, haver uma vigilância acurada para que a exclusão não compareça a essas políticas comendo-as pelas bordas, como pode acontecer no que chamaria de leitura exasperada, em que a festa se sobrepõe ao trabalho, o ruído ao silêncio, o desvendamento ao mistério, o religioso ao profano.

A leitura e a escrita são artes de um fazer profano, que precisam estar em cena para dar-se a conhecer por muitos, e necessitam tecer-se nos espaços que antecedem a cena e que a ela sucedem. A luz da cena e a brilho do espetáculo são, por si sós, insuficientes para conduzir a pessoa ao cerne de um fazer onde não cabem dogmas ou reverências, euforia ou aniquilamento, magia ou rapidez. Porque na armadilha dos leitores rápidos, inclui-se a tentação do fazer mágico, da ação de resultados instantâneos. Leitura e escrita pedem tempo próprio, que é mais da ordem da lentidão que da aceleração e do atropelo.

Sábato me olha interessado, e algo inquieto. Talvez seja hora de ir acabando; falo de uma outra armadilha, a última em nossa conversa. O domínio de reserva técnica precisa ser dissolvido na acolhida a outros paradigmas. Ler enquanto eu e nós no mundo, ler de outras maneiras, ler outros materiais. Não temer quadrinhos, coelhos, júlias e sabrinhas, antes acolher e respeitar essas leituras, considerar que são muitos os caminhos das letras, e que as margens da via estreita da literatura costumam receber refugos, que servem, conforme a época, à construção mesma da literatura. E se impossibilitarmos a uma leitora de fotonovelas encontrar, em uma adaptação de *Anna Karenina* para esse formato, as perguntas que Tolstoi lá deixou, embora reduzidas e reformatadas, possivelmente de acordo

com o que cabe na experiência dessa leitora, corremos o risco mesmo de expropriar das tábuas de argila de Uruk o canto épico das cidades que então se iniciava.

Sábato anui com a cabeça, me brinda com seu raro sorriso. Levanta-se do banco, desentorpece as pernas; o jaguar também se levanta, alonga-se com vagar, a coluna vertebral move-se para frente, para trás, varal fincado no chão da manhã. Senta-se, para lambe as patas. Primeiro as dianteiras, depois as traseiras, ele se aplica ao trabalho com langor e amor pelo próprio corpo. Na sabedoria do cuidado, fortalece suas patas, para que resistam ao morder das armadilhas. Levanta-se ao fim, segue majestoso por uma das veredas, some na mata. No chão, as pegadas, consideradas marcas do divino pelas antigas culturas que habitaram o centro e o sul do México há mais de três mil anos, diziam de quanto havia de humano no animal sonhado.

Regressamos a casa. Ernesto parece perder-se em digressões, enquanto tomamos uma xícara de café:

O artista tem muito que ver com os sonhos, com essas mensagens que vêm do fundo de nossa inconsciência [...] (e) se existe algo verdadeiro na vida do ser humano são essas fantasias noturnas. Pode-se dizer qualquer coisa de um sonho, mas não se pode dizer que seja uma mentira. [...] o mundo subterrâneo revelado pelos sonhos em suas mensagens, com frequência ameaçadoras ou angustiantes, é um mundo que só pode expressar-se com essa linguagem, uma linguagem de símbolos ambíguos, tão ambíguos como essas figuras monstruosas da mitologia. [...] O sonho, a mitologia e a arte têm uma raiz comum: provêm da inconsciência e manifestam, a palavra exata seria “revelam”, um mundo que de outra maneira não se consegue expressar. (SÁBATO, 2003, pp. 33-4)

Pontua a fala com pausas, faz das frases recortes de um pensamento alinhavado previamente, e que reconheço como parte do que disse a Catania sobre a verdade dos sonhos e do mundo noturno. Termina de falar, faz um gesto inequívoco. É a despedida, entendo. Levanto-me, ele abre a porta, me acompanha ao portão, e diz, em nossas despedidas: “Minha cara professora, todo escritor guarda um jaguar nos bosques de sua

casa, ou, se preferir, minha cara escritora, toda professora deve guardar um jaguar nos bosques de sua sala de aula.”

A manhã de Buenos Aires já se tornava tarde, o dia se transformava no movimento de rotação da Terra; uma ínfima parte da ordem dos fatos no mundo também se alterava, ao sabor daquele encontro.

#### Referências bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Em questão. nº 519 - Brasília, 24 de maio de 2007. Recebido em 25 de maio. Acessível em [www.brasil.gov.br/emquestao](http://www.brasil.gov.br/emquestao)

BRÍGIDO, Carolina. Juízes lançam campanha pelo fim do foro privilegiado. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 6/07/2007, O País, pp.101.

DEEM, Sharon L., KARESH, William. Manual del programa de salud del jaguar. Traducción: Almira Hoogesteijn, Wildlife Conservation Society. Versão em pdf. <http://www.wcs.org/media/file/mime-9908135031.PDF>, acessada em 06/07/2007

<http://fox.presidencia.gob.mx/buenasnoticias/?contenido=26010&pagina=60> (Acessado em 06/07/07)

[http://www.hkocher.info/minha\\_pagina/port/port\\_a03.htm](http://www.hkocher.info/minha_pagina/port/port_a03.htm) (Acessado em 06/07/07)

[http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/ovdp/070523\\_dinheiropublico.doc](http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/ovdp/070523_dinheiropublico.doc) (Acessado em 14/06/2007)

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4.ed. Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Pref. José A. B. de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2002.

LACERDA, Nilma Gonçalves (cons.) *Casa da Leitura* – presença de uma ação; filosofia e perfil da Casa da Leitura, Programa Nacional de Incentivo à Leitura/PROLER. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, [2000]

\_\_\_\_\_. *Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina*. Versão impressa em computador pessoal para curso na Casa da Leitura, Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura . Rio de Janeiro, 2002, p. 7.

\_\_\_\_\_. *Manual de tapeçaria*. 3. ed. Posfácio de Ênio Silveira- Rio de Janeiro: Revan, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita*; leitura e livro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 23. ed. Posfácio Octavio de Faria. Il. Darcy Penteadó. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SÁBATO, Ernesto. *Entre la letra y la sangre*. Conversaciones con Carlos Catania. Buenos Aires; Seix Barral, 2003.

\_\_\_\_\_. *Nunca mais*; Informe da Comissão Nacional sobre o desaparecimento de Pessoas na Argentina. Trad. Roberto Mara. Porto Alegre: L&PM, s/d.

\_\_\_\_\_. *O escritor e seus fantasmas*. Trad. Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

SILVA, Andréa Costa da, SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de, LACERDA, Nilma Gonçalves. Um olhar sobre as fichas de leitura: uma interpretação autorizada? In: ANAIS do 15º COLE. Campinas, SP: Gral, FÉ; ALB, 2005. CD-Rom impresso em fevereiro de 2006.

ZOBEL, Joseph. *La rue Cases-Nègres*. Paris ; Dakar : Presence Africaine, 2002.